

Território em guerrilha midiática

terferindo, pela crueza e talvez pela insensibilidade. Os leitores de *O Cruzeiro* não se sensibilizaram e não enviaram donativos para a campanha proposta por Ballot, nem a revista brasileira fez uma valoração da proposta”, ressalta Tacca em sua pesquisa. Ao contrário, a foto suscitou polêmica sobre a ética do fotojornalismo. Segundo Tacca, a própria *Life* publicou sobre a possível falta de escrúpulos do fotógrafo em retratar, ou em manipular, uma criança para produzir uma foto sensacionalista.

Para ajudar, em seu diário publicado em *O Cruzeiro*, assim como fez Parks em *Life*, Ballot relata que visitou muitas famílias miseráveis antes de chegar à casa de Gonzalez, que teria sido indicado por Stanley Ross, gerente do jornal *El Diario de Nueva York*, um periódico editado em espanhol e que atinge uma população de quase 1 milhão de porto-riquenhos. Segundo Tacca, Ballot diz que Ross declarou: “Então, veio buscar um ‘Flávio’ em Nova York? Você teve uma boa ideia. Aqui encontrará coisas bem piores do que no Rio, em matéria de favela. É bom que estes fatos sejam conhecidos. Talvez ajude a resolvê-los”.

A atitude de *O Cruzeiro*, em plena Guerra Fria, e num momento difícil para o Brasil, em que Jânio renunciava e João Goulart assumia o governo, é considerada ousada pelo pesquisador Tacca. “Ela enfrenta uma posição ideológica norte-americana”, reforça Tacca, levando em consideração que a matéria envolvendo a família de Flávio fazia parte de um conjunto de reportagens nas quais se pretendia defender essa ideologia americana, que indicava para um possível movimento revolucionário cubano para a América Latina. “Eu pensava que era um embate localizado entre uma reportagem da revista *Life* com uma reportagem que a *Cruzeiro* respondeu, mas na procura das informações, encontrei a matéria do Parks envolvida num processo muito maior, que são três reportagens, de um total de cinco, produzidas pela *Life* sobre América Latina, publicadas no mês de junho de 1961”, explica o professor.

A edição da *Life*, aberta com uma imagem de Fidel Castro, preparava a vinda de Kennedy ao Uruguai, na opinião de Tacca. No meio da reportagem, ilustrada com outras imagens de Fidel, há uma espécie de demonização do avanço comunista na América Latina, que acontecia muito perto da Flórida e eles não sabiam bem como lidar com aquilo ainda. Neste contexto, a reportagem de Flávio é um caso emblemático, por mostrar uma família pobre, vivendo na favela da Catacumba, como um lugar próprio para que se alimente a ideologia comunista, segundo Tacca. Na visão norte-americana, a pobreza era o campo que alimentava esse avanço ideológico. “Diante disso, eles acreditavam que era preciso criar um desenvolvimento econômico para a América Latina, como forma de combater o avanço comunista”, acrescenta Tacca.

Fidel e Julião

Na opinião de Tacca, a primeira reportagem da série com fotos de Andrew St. George denuncia o envolvimento ideológico da revista *Life*

com as ações do Departamento de Estado dos Estados Unidos. A capa da revista é uma foto de Fidel Castro com uma expressão raivosa e uniforme militar, com o título “*A crise no nosso hemisfério: reportagem fotográfica exclusiva mostra como Castro e os comunistas estão trabalhando para agarrar a América Latina*”.

Na mesma edição, eles mostram um movimento popular no Brasil, liderado por Francisco Julião, fundador de uma das ligas camponesas, também retratando a ideia da atuação dos comunistas nas camadas menos favorecidas da sociedade. As fotos, segundo Tacca, mostram Julião em meio aos pobres camponeses, andando na região da Galiléia, famosa por ser o lugar onde foram fundadas as Ligas Camponesas, e quando aparece discursando diante de um retrato seu ao fundo: “... o apaixonado Julião entrega uma mensagem de esperança a seus seguidores: ‘Em Cuba’, explica, ‘o problema das terras foi resolvido porque os camponeses foram colocados no poder’”.

Mensageira do pensamento oficial norte-americano, a revista *Life* tratou o Uruguai, país democrático na época, como um lugar perigoso por divulgar informações sobre a revolução socialista na União Soviética por meio de histórias em quadrinhos. “Eles diziam que os quadrinhos poderiam alimentar as crianças a pensar sobre o comunismo”, ressalta Tacca. As imagens escolhidas para retratar o Uruguai revelam uma manifestação de trabalhadores uruguaios em greve e o texto sempre alude a uma presença dos “Vermelhos” e de hostilidade aos EUA, segundo Tacca. “O fotógrafo Andrew St. George age como um agente secreto a serviço de um olhar de espião e fotografava pessoas que seriam estrangeiros envolvidos com o processo revolucionário, assim, uma pessoa sentada em um café, fotografada por trás, está olhando para carteiras de identidades para reconhecer os ‘agentes de Castro’, o que demonstra a cumplicidade em posar para o fotógrafo”, ressalta Tacca.

Nesse “ dossiê ” sobre a América Latina, a *Life* aborda o processo democrático da Venezuela, tratando o deputado Fabricio Ojeda como “... um novo tipo do animal político da América Latina”, por ter recebido patente simbólica de capitão honorário do exército de Cuba. A edição também aborda a oposição das forças sindicais bolivianas ao processo de desenvolvimento capitalista apoiado pelo investimento norte-americano.

No cruzamento de tantos misseis ideológicos, a explicação para o destemor de *O Cruzeiro* em provocar um embate em momento tão especial pode ser explicado pela necessidade de reafirmação da publicação no mercado editorial, já que se encontrava em crise financeira na época, segundo Tacca. Com o surgimento de novas revistas brasileiras, a publicação perde público, além de uma malsucedida tentativa de lançar uma versão espanhola. “A revista fica totalmente deslocada dessa discussão, da questão da Guerra Fria, por uma visão efetiva de Chateaubriand, que pensa: *Eu tenho independência para fazer isso. Eu sou um jornalista independente e posso estar fora das*

questões da Guerra Fria”, relata Tacca.

De acordo com o professor, esta não foi a primeira vez que *O Cruzeiro* reagiu à publicação de uma reportagem estrangeira sobre o Brasil. O primeiro embate ocorreu com a francesa *Paris Match*, em 1951, depois da publicação de questões que envolviam a cultura religiosa afrobrasileira tendo como foco uma família de Salvador (Bahia). Segundo Tacca, a ideia de embate havia sido menos explícita em relação à revista francesa, talvez pelo fato de, diferentemente do caso Flávio, ser uma história de uma família negra narrada pelas lentes de um fotógrafo branco. Já no caso de Parks, era um repórter negro contando a história de uma família brasileira branca e pobre. Segundo Tacca, a intencionalidade da revista brasileira em lembrar ao leitor a existência da reportagem da *Life* é clara ao publicar no correr da matéria, em pequenos boxes, as reproduções das páginas da revista norte-americana. A reafirmação constante de que existem brancos miseráveis também na “América” (referindo-se aos EUA) aparece também no editorial, assinado como “A Direção”.

A resposta à *Life* foi encontrada no decorrer da pesquisa sobre a reportagem da *Paris Match*, que deu origem ao livro *Imagens do Sagrado* (Editora da Unicamp, 2009), no qual Tacca esclarece o primeiro embate de *O Cruzeiro* com a *Paris Match* e mostra a história da família. O curioso, na opinião de Tacca, é que a brasileira teria se indisposto com publicações importantes na sua própria formação. “A *Cruzeiro* inspirou-se em revistas como a *Life* e *Paris Match*”, declara Tacca. A pesquisa, em sua opinião, traz informações importantes sobre a história do jornalismo e do fotojornalismo brasileiro.

Gordon Parks esteve outras vezes no Brasil, quando visitou a família de Flávio. Em uma das visitas, ele consultou seus pais sobre a possibilidade de levar Flávio para viver nos Estados Unidos, mas o pedido foi negado. A história do garoto foi recontada pelo fotógrafo em seu livro intitulado *Flávio*. O texto contém detalhes sobre seu encontro e também seu envolvimento com o menino e a família, abrangendo todas as etapas de sua estada na Favela da Catacumba, bem como a estada de Flávio nos Estados Unidos. Park também relata seu contato com o jornalista José Gallo, responsável pela produção do texto publicado na *Life*. As fotos da matéria de 1961 também são republicadas no livro de Parks.

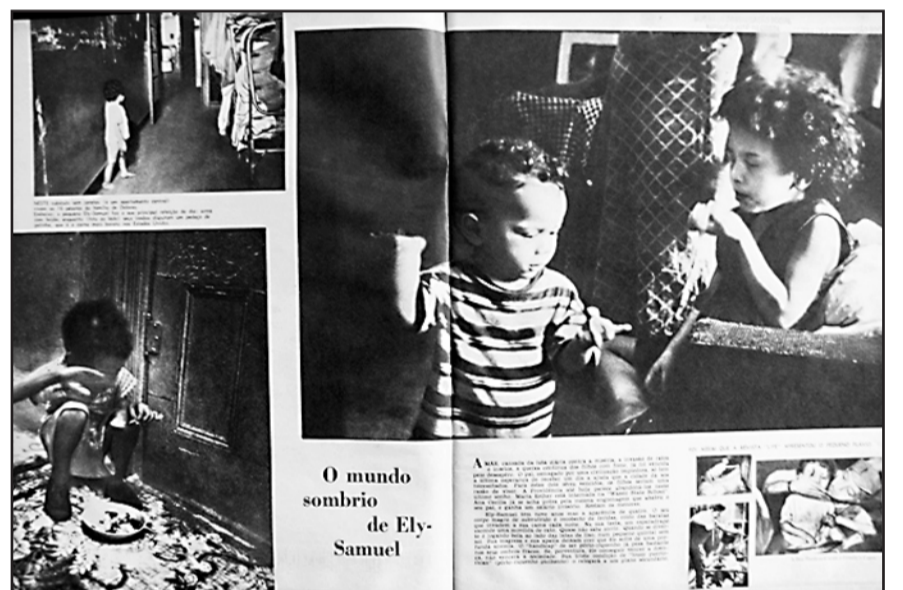
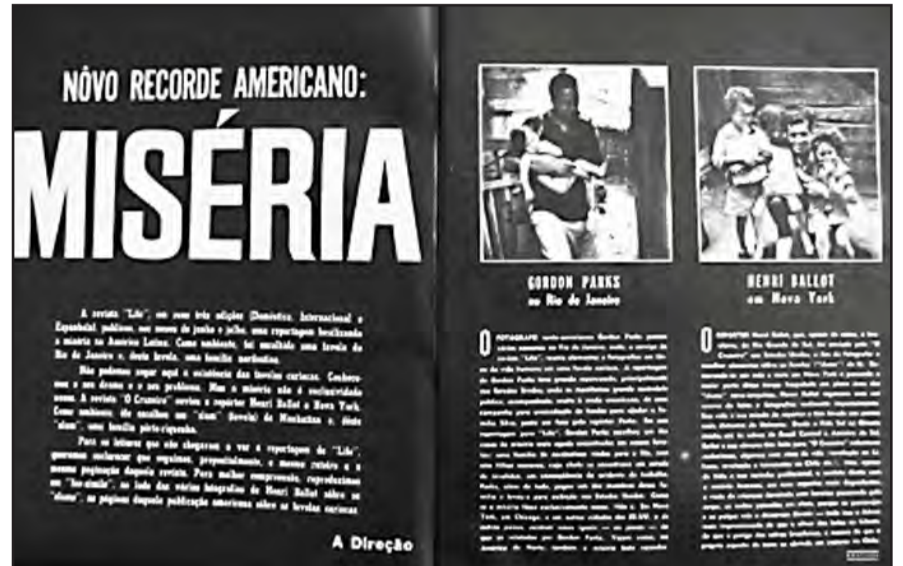
Anos depois, Flávio, já curado, casou-se e teve filhos, mas quando Tacca procurou a família para dar continuidade à pesquisa, não houve qualquer sinal de sua existência. Até mesmo um e-mail de um dos irmãos não tinha mais destino. “A ideia, caso os encontre, é dar continuidade à pesquisa”, declara Tacca.

Mas, por enquanto, o foco do professor, pesquisador e fotógrafo Fernando de Tacca é a produção fotográfica em Espanha e sua relação com cinema, literatura e as artes visuais, tema de sua pesquisa de pós-doutorado que será iniciada em abril na Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense de Madrid, com bolsa Fapesp.

Prêmio

Ao ser contemplado com o Prêmio Marc Ferrer, depois de 20 anos de interrupção da premiação, Tacca relembra a primeira edição em 1984, quando também foi um dos ganhadores. A pesquisa premiada na época resultou em seu mestrado defendido na Unicamp.

O concurso foi criado em 1984 pela Funarte depois da implantação do Instituto Nacional de Fotografia, mas na gestão do ex-presidente Fernando Collor de Mello a fundação foi extinta. Tacca acrescenta que a área da fotografia não conseguiu se reestruturar durante muitos anos, mas ao final do governo Lula houve uma grande movimentação que resultou em um grande encontro da área em Brasília e a criação da Rede de Produtores Culturais da Fotografia do Brasil (RP-CFB). Nesse contexto, o prêmio Marc Ferrer foi retomado, com esta edição de 2010, em que Tacca foi premiado.



Reportagem de Henri Ballot, de *O Cruzeiro*, mostra família porto-riquenha em cortiço em Nova York; troco da revista brasileira, cujas finanças não iam bem, teve até baratas em corpo de criança



Liga Camponesa, comandada por Julião, faz menção a na Bolívia: alerta contra o “avanço do comunismo” na América Latina